



Eixo: Desenvolvimento Regional e Territorial

Metodologias Ativas no Ensino Superior e seu impacto no desenvolvimento da sociedade

Aliny Rafaely Sousa Ferreira¹
Bruna Ercoles da Silva²

Resumo: O presente texto tem por objetivo apresentar um contexto geral sobre as Metodologias Ativas - MA e como estas podem estar relacionadas ao desenvolvimento da sociedade. Por meio de pesquisas bibliográficas, verificamos que muitas experiências tem ocorrido no Brasil e ao redor do mundo com o uso de MA. Tais investigações mostram fatores positivos e benéficos ao desenvolvimento ético dos/as estudantes e das comunidades as quais estão inseridos/as. A fim de alcançarmos o objetivo proposto, dividimos esse trabalho em 2 apartados. No primeiro, mostramos um pouco da histórias das MA e seus princípios, e no segundo, apresentamos como elas podem auxiliar na melhoria da qualidade de vida das pessoas, a partir do conceito de desenvolvimento que o entende como integral.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Ensino Superior. Desenvolvimento.

Introdução

A sociedade está em constante transformação e essas transformações impactam diretamente nas escolas, universidades e nos processos de ensino-aprendizagem, sendo necessárias mudanças que levem os alunos e alunas a estarem preparados tanto para o mercado de trabalho quanto para o mundo do trabalho.

Vivemos em uma sociedade em que o acesso à informação é mais fácil que em sociedades anteriores, portanto, estamos diante de uma necessidade cada vez maior da modernização dos processos de ensino-aprendizagem, pois o modelo de educação da modernidade, já não satisfaz as exigências do mercado e não é suficiente para que se tenha um avanço no desenvolvimento multidimensional da sociedade (MORIN, 2003).

¹ Advogada, mestranda no programa Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento – Unespar.
alinyrafaely@hotmail.com

² Pedagoga, mestranda no programa Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento – Unespar.
brunnaercoles@gmail.com



Por essas razões, utilizamos as chamadas metodologias ativas (BERBEL, 2011; BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014), que buscam relacionar os conteúdos disciplinares, promovendo uma articulação entre as áreas da interdisciplinaridade, da formação ética e crítica dos alunos e alunas, bem como promover o trabalho cooperativo, participativo, autônomo, levando-os a um contato maior com a sociedade e com os problemas vivenciados neste contexto social mais amplo. Para tanto, pautamos nossos estudos na perspectiva teórica da educação (ARAÚJO, 2009; BERBEL 2011; BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014; MORAN, 2015; VALENTE 2014), da economia (AMARO, 2004) e da interdisciplinaridade (MORIN, 2003).

Como ponto de partida para este estudo, buscamos entender se as Metodologias Ativas têm contribuído para melhorar a qualidade da educação e como isso têm ocorrido. Ainda, buscamos entender o papel dessas metodologias na educação e o seu impacto no desenvolvimento da sociedade de forma mais ampliada.

Metodologia

A metodologia do presente trabalho pautou-se na pesquisa e revisão bibliográfica relativa ao tema de metodologias ativas. No que diz respeito à organização textual deste trabalho, trazemos algumas experiências que ocorreram no Brasil e em outros países que utilizaram as MA e como estas podem ser uma possibilidade para os desafios que vive a sociedade contemporânea. Em um segundo momento, mostramos os benefícios e os resultados positivos no desenvolvimento que algumas experiências apresentam.

Resultados e Discussões

Metodologias ativas e seu contexto histórico

No Brasil, o Ensino Superior tem encontrado alguns desafios provenientes das mudanças que têm emergido na sociedade contemporânea. Ulisses Araújo (2008) menciona os métodos tradicionais que segmentam as disciplinas, como insuficientes no objetivo de atender as necessidades de relocação dos



conhecimentos. Já José Armando Valente (2014), atribui como alguns dos desafios, o fato de as salas de aula estarem se esvaziando, ao mesmo tempo que aumenta a incapacidade de a Universidade atender a demanda de estudantes que querem ingressar no Ensino Superior.

No sentido de atender aos desafios contemporâneos, os pesquisadores mencionados, têm investigado metodologias que podem contribuir para atender as necessidades educativas emergentes nas últimas décadas, as chamadas metodologias ativas e que apresentam um caminho possível no desenvolvimento de sujeitos éticos. Berbel (2011) as caracteriza como “[...] formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos” (BERBEL, 2011, p. 29).

De acordo com essas características, as MA se apresentam como possibilidade de ativar o aprendizado dos/as estudantes colocando-os/as como corresponsáveis no processo de ensino. A função principal do/a docente é ser um/a facilitador/a da aprendizagem, dessa forma, foge de métodos tradicionais onde os/as professores/as são meros transmissores dos conteúdos curriculares. A interação entre professor/a e aluno/a aumenta à medida que o diálogo é estabelecido e há uma co-dependência. Os/as estudantes são o centro da aprendizagem, pois “[...] além de reter a informação, o aprendiz necessita ter um papel ativo para significar e compreender essa informação segundo conhecimentos prévios, construir novos conhecimentos, e saber aplica-los em situações concretas” (VALENTE, 2014, p. 81).

As Metodologias Ativas também visam o desenvolvimento ético dos/as estudantes ao coloca-los em contato com problemas e situações reais que podem encontrar no exercício de sua profissão. De acordo com Araújo, novas metodologias “[...] devem objetivar trazer a dimensão ética e de responsabilidade social para os programas da educação básica e de formação profissional. Isso é essencial para o convívio com as diferenças nas salas de aula e na sociedade” (ARAÚJO, 2011, p. 39).

Outro objetivo que visa as MA, se dá no desenvolvimento da autonomia dos/as alunos/as. Segundo Diesel, Baldes e Martins (2017), a postura adotada pelos/as professores/as é importante no processo da autonomia dos/as estudantes e essa pode ser mais significativa se os/as docentes/as desenvolvem características



como: nutrir os interesses pessoais; oferecer explicações racionais para o estudo dos conteúdos ou para a realização de atividades; usar linguagem informacional e não controladora; ser paciente com o ritmo de cada estudante; e reconhecer e aceitar as expressões de sentimentos negativos dos/as alunos/as. Para Berbel (2011), essas características, também são aquelas requeridas daqueles/as que buscam conduzir a formação de futuros profissionais nas mais diversas áreas. Nesse sentido, as MA “[...] poderão contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da autonomia e motivação do estudante à medida que favorece o sentimento de pertença e coparticipação [...]” (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 275).

Ainda sobre a autonomia, Berbel (2011) afirma que dentre as condições para sua promoção, se encontram atividades que possibilitem o envolvimento pessoal, baixa pressão e alta flexibilidade em sua execução, e percepção de liberdade psicológica e de escolha. Para a autora, o desenvolvimento autônomo pode ocorrer à medida que estudantes percebam ser a própria origem da ação ao tomarem decisões nas diversas situações acadêmicas e poderem escolher alguns aspectos dos conteúdos de estudo. Esse desenvolvimento também pode ser possibilitado por meio do exercício de solucionar problemas, já que os/as alunos/as precisam apresentar alternativas criativas para sua resolução. Assim, as MA “[...] têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor” (BERBEL, 2011, p. 28). De acordo com Araújo e Sastre (2008), algumas características da autonomia se revelam nas MA, o autor e a autora mostram que as seguintes ações tornam um/a estudante autônomo/a: Ter claro seu estilo de aprendizagem e estratégias; adotar um enfoque comunicativo nas tarefas que realiza; estar disposto a assumir riscos e cometer erros; realizar os deveres e tarefas pessoais independente se é avaliado ou não; e dar importância aos conceitos formais e a sua assimilação.

Dentre as possibilidades que as metodologias ativas propiciam, Araújo e Sastre (2009) apresentam algumas experiências universitárias ao redor do mundo que utilizam a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) como metodologia. Dentre elas, mostram as primeiras experiências que ocorreram no curso de medicina na década de 1960, na McMaster University, Canadá. Cerca de vinte (20) docentes



de diferentes universidades ao redor do mundo, liderados por John Evans, deram início a ABP. O programa da McMaster foi inspirado em um que havia sido criado em 1952 na Case Western Reserve University (CWRU), Estados Unidos. As características da CWRU que chamaram a atenção dos pesquisadores no Canadá foram: Integração Interdisciplinar; Diminuição de aulas magistradas; Oportunidade para a escolha dos tempos de estudo; e currículo formulado por comissões temáticas e não por departamentos.

Tendo como base a experiência da CWRU, os docentes da McMaster elaboraram o currículo do curso de Medicina constituído pelas seguintes fases: 1) Introdução ao estudo de Medicina; 2) Homeostase e reação do corpo humano a agressões externas; 3) Unidades de órgãos e sistemas; e, 4) Rotações clínicas. Em cada fase, o/a estudante podia exercer a autonomia escolhendo algumas atividades eletivas de aprendizagem. Na primeira, o objetivo dos conteúdos era que os/as alunos/as aprendessem a lidar com as ansiedades e riscos da profissão. Por isso, a ênfase era compreender de uma maneira holística os problemas individuais e coletivos da comunidade a qual prestariam serviços. As atividades eram realizadas em grupos constituídos de 6 estudantes e 1 tutor/a, a cada grupo era dado ferramentas para que desenvolvessem competências na aprendizagem de problemas e para isso, integravam os conhecimentos biológicos, psicológicos, sociais e populacionais. O/A tutor/a que auxiliava o grupo era um/a aluno/a que estava no ano seguinte do curso e por ser conhecedor/a do programa, poderia auxiliar os/as novos/as estudantes em sua adaptação universitária. Além do/a tutor/a, cada aluno/a também possuía um conselheiro acadêmico.

Durante os anos seguintes, o currículo sofreu mudanças considerando alguns problemas e desafios que foram percebidos ao longo da implementação da ABP na McMaster. Os bons resultados alcançados, fizeram com que a ABP se estendesse a outros programas de graduação das ciências da saúde, logo as Engenharias e demais cursos.

Borochovicus e Tortella (2014) também compartilham os resultados que obtiveram em uma pesquisa realizada no curso de administração de uma universidade localizada no interior do Estado de São Paulo. Na investigação, os autores pesquisaram desde a implementação da ABP no curso, perpassando por análise documental do projeto pedagógico, entrevista com ex-diretores e o atual,



entrevista com os/as professores/as, questionário com alguns discentes, até a observação e reflexão das práticas realizadas. Os autores concluíram que a ABP, quando utilizada como método de ensino cooperativo e colaborativo, insere o/a aluno/a em uma realidade próxima ao que enfrentará no mundo profissional, além disso, os/as discentes aprendem a trabalhar em grupo, a se relacionar de maneira mais próxima dos/as docentes, desenvolvem sua autonomia e são melhores preparados para atender aos anseios de uma geração tecnológica, ousada e desafiadora.

Outras propostas metodológicas também têm colocado o/a aluno/a no centro do processo de ensino-aprendizagem, é o caso do *Blended Learning* ou ensino híbrido, no qual dentre suas modalidades, se encontra a sala de aula invertida, onde o processo de ensino-aprendizagem se dá na mescla de conteúdos estudados de maneira *online* e o ensino na sala de aula pautado nas interações interpessoais. Valente (2014) ainda categoriza o ensino *Blended* em: *flex*, *blended* misturado, virtual enriquecido e rodízio. Em todos os casos, o ensino situa o/a aluno/a como ativo/a e o/a professor/a como um/a facilitador/a da aprendizagem.

Ainda é possível encontrar outras pesquisas ao redor do mundo e no Brasil que mostram as possibilidades que as metodologias ativas têm proporcionado as/aos estudantes. Moran (2015) menciona o estudo de caso, o *Peer Instruction* (instrução por pares), *Team based learning* (aprendizagem por times), e o *Writing across the curriculum* (escrita por meio das disciplinas), como experiências que também priorizam os/as alunos/as e os/as auxiliam na criação e elaboração de soluções para problemas reais vividos por eles/as na profissão que escolheram.

As metodologias ativas e suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade

A educação é o meio pelo qual podemos mudar os rumos do país e do mundo, já que, na maioria das vezes, é por meio dela que o ser humano consegue ter acesso a outros direitos, sendo considerada como um direito social em nossa Constituição Federal (1988) e também como direito humano na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Tem-se ampliado o acesso à educação de



nível superior, porém, essa educação que deve ser cada vez mais acessível, também deve ser uma educação de qualidade (ARAÚJO, 2011).

Quando tratamos da qualidade do ensino superior, devemos pensar que os desafios da sociedade contemporânea mostram uma necessidade de reinventar a educação, pois é preciso “[...] dar conta das demandas e necessidades de uma sociedade democrática, inclusiva, permeada pelas diferenças e pautada no conhecimento inter, multi e transdisciplinar, como a que vivemos neste início de século XXI” (ARAÚJO, 2011). Nesse sentido, é necessário que o ensino superior promova não apenas a aprendizagem dos conteúdos curriculares, mas também, uma educação voltada para a formação ética, tanto pessoal quanto profissional, o que pode interferir no desenvolvimento da sociedade.

O conceito de desenvolvimento se modificou ao longo dos anos e não pode ser considerado apenas em seu aspecto econômico, deve ser ponderado em sua multidimensionalidade, considerando a qualidade de vida para as pessoas, educação, meio ambiente adequado, entre outros aspectos (AMARO, 2004).

Muitas das metodologias ativas consideram os diferentes aspectos do desenvolvimento e propõe relacionar os conhecimentos estudados no ensino superior com questões éticas e problemas reais da sociedade na qual vivemos, portanto, ligam-se diretamente a essa nova concepção de educação, que abrange os aspectos relacionados à formação ética e responsabilidade social dos futuros profissionais.

Almeida (2018) realizou um estudo de caso na Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Campos de Lagarto, no qual todos os cursos utilizam a ABP e a problematização pelo arco. Alguns cursos, em menor número, também utilizam o *Process Oriented Guided Inquiry Learning (POGIL)* ou Processo de Aprendizagem Orientado por Inquérito Guiado, a *Case-Based Learning* ou Aprendizagem Baseada em Casos e a *Peer Instruction* ou Instrução por Pares. A autora enviou um questionário *online* para 189 professores/as, e após estes serem devolvidos, entrevistou 19.

A UFS foi reestruturada em 2011, após a criação do REUNI. O programa foi criado para superar alguns dados obtidos pelo Censo da Educação Superior do Brasil de 2005, que mostraram um modelo de ensino superior defasado e excludente e que não permitia às instituições públicas ofertarem vagas suficientes para atender



a demanda da população e a saturação do mercado de trabalho em várias profissões. Além disso, o diagnóstico do Censo mostrou um alto índice de evasão causado, principalmente, pela falta de ações afirmativas e a dificuldade em superar modelos de formação acadêmica e profissional criados nas décadas de 1960 e 1970. Para essa superação, o REUNI propôs renovar as universidades federais por meio de novas organizações curriculares e metodológicas que contemplem a flexibilidade e mobilidade dos/as estudantes, assim como ações afirmativas de inclusão, saberes interdisciplinares, formação humanística e o desenvolvimento do espírito crítico e criativo. Em relatório divulgado pelo MEC em 2012, foi apresentado que após a implementação do REUNI, todos os índices haviam melhorado. A autora investigou também a importância de países emergentes como o Brasil ascenderem ao avanço socioeconômico, e explica que, para alguns especialistas, a principal barreira é o sistema educacional, que não atende às demandas sociais.

A implementação do REUNI também gerou alguns desafios, como por exemplo, o número de professores/as que não aumentou de forma proporcional ao ingresso de mais alunos/as no Ensino Superior, o que levou a superlotação das salas de aula e problemas com a infraestrutura e a dificuldade no cumprimento das promessas do programa.

No campus de Lagarto, o caráter dos cursos é interdisciplinar, pois os/as alunos/as abrem mão dos conhecimentos disciplinares ao necessitarem de conhecimentos que envolvem mais de uma disciplina na resolução do problema proposto a eles/as. Ao ingressarem no curso, os/as estudantes dos oito cursos são divididos em grupos e as situações de ensino-aprendizagem acontecem durante o primeiro ano. Os conteúdos são divididos em três módulos, a saber: a) tutorial, no qual as aulas são realizadas na sala de aula, laboratórios ou auditórios e as MA utilizadas são a ABP, POGIL, ABC e IpP; b) habilidades, que prioriza as aulas realizadas em laboratórios internos do *campus* ou em cenários próprios de atuação dos cursos; e, c) PEC, o qual permite aulas nos mais variados espaços da comunidade.

Os principais objetivos da pesquisadora foram: identificar a concepção dos professores acerca das metodologias ativas, da formação e dos saberes necessários para a prática docente; descrever as relações de sentido manifestadas na avaliação dos professores sobre os saberes de suas práticas e a superação dos desafios



encontrados no exercício de docência; e, realizar inferências teóricas em confronto com os dados e a literatura investigada. A pesquisadora entrevistou 19 professores/as, deste/as, 84,2% trabalham com MA de 0-5 anos; 15,8% de 6 a 10 e nenhum por mais de 10 anos. A pesquisa também mostrou que a maioria dos/as docentes conheceu as MA após ingressar na Universidade de Lagarto, sendo que 38% dos/as professores/as disseram que as MA favorecem o desenvolvimento de posicionamentos críticos e reflexivos, bem como a formação autônoma. De acordo com os professores participantes da pesquisa, as MA possibilitaram aos alunos uma desenvoltura mais ativa e autônoma, há um grande índice de alunos/as recém graduados já inseridos no mercado de trabalho e aprovados em concursos públicos e mestrados, os/as docentes entendem que estes logros se devem as habilidades desenvolvidas durante os cursos.

Ainda, estudos como o apresentado por Araújo e Sastre (2009) na McMaster University, mostram como a implementação de MA tem melhorado não somente o rendimento acadêmico dos/as estudantes, mas também o desenvolvimento de noções de autonomia e responsabilidade social ao se trabalhar com problemas reais.

Com isso, as metodologias ativas aplicadas no ensino superior contribuem para o desenvolvimento pessoal e também para o desenvolvimento da sociedade, pois buscam trabalhar com o pensamento crítico e autônomo, com a capacidade dos alunos e alunas, a fim de transformar a sociedade.

As metodologias ativas permitem um aproveitamento maior das potencialidades dos indivíduos ao propiciar uma aprendizagem significativa, sendo que muitas dessas metodologias colocam os alunos e alunas em contato com problemas reais da sociedade, possibilitando uma maior interação do indivíduo com a comunidade e com os problemas que se apresentam no cotidiano, bem como, uma aprendizagem proativa, deixando de lado a condição de meros espectadores.

Além disso, tais metodologias aproximam os/as estudantes da realidade profissional que enfrentarão após a conclusão do ensino superior, preparando-os para lidar com as imprevisíveis situações do dia-a-dia, o que acaba por contribuir para o desenvolvimento da sociedade com profissionais mais atuantes, éticos, críticos e preparados para as intempéries da vida profissional e da vida em sociedade.



Considerações finais

Consideramos que a educação deve ajudar a superarmos a ideia de desenvolvimento simplificada e reduzida apenas ao sentido econômico, já que a noção de desenvolvimento é multidimensional.

As pesquisas encontradas e abordadas neste trabalho, que tratam das Metodologias Ativas, nos permitem dizer que há vários benefícios de se colocar os/as alunos/as no centro da aprendizagem, mostrando tanto contribuições para o desenvolvimento dos/as discentes como da sociedade em que se inserem.

As Metodologias Ativas proporcionam o esclarecimento, quando levam os discentes a pensarem por si mesmos, necessitando para isso de dedicação, esforço e não apenas reprodução, pois para transformar a sociedade é preciso a transformação desses alunos e alunas (KANT, 2005).

Quando os alunos e alunas, pela aplicação das metodologias ativas, verificam problemas reais da sociedade e são colocados a resolver ou mesmo minimizar tais problemas, está presente a interdisciplinaridade, a religação dos saberes, pois esses problemas não se apresentam apenas relacionados a uma disciplina específica, considerando que o conhecimento disciplinar é importante, mas não é suficiente para lidar com situações que se apresentam no cotidiano, sendo esta mais uma das grandes contribuições das metodologias ativas para o desenvolvimento da sociedade (ALVARENGA, 2011).

As Metodologias Ativas ainda buscam uma formação mais ética e contextualizada dos estudantes, uma formação ligada à responsabilidade social justamente por proporcionarem aos alunos e alunas o contato com problemas reais, levando a uma aprendizagem com base na experiência e em busca de uma justiça social.

Entendendo o desenvolvimento da sociedade em seus amplos aspectos, consideramos que as Metodologias Ativas de ensino podem fornecer ferramentas para que ele aconteça de forma a contemplar questões biológicas, sociais, psicológicas, financeiras, entre outros aspectos, daí a importância de uma perspectiva interdisciplinar de pesquisa para que possamos entender o papel social



das Metodologias Ativas no Ensino Superior e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento da sociedade.

Referências

ALVARENGA, Augusta Thereza de (*et al*). Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (orgs.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011, p. 3-68.

AMARO, Rogério Roque. Desenvolvimento: um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. **Cadernos de estudos africanos**, 2004, p. 35-70.

ARAÚJO, U. F; SASTRE, G. **Aprendizagem Baseada em Problemas no ensino superior**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. (1948). **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (217 [III] A). Paris. Disponível em: <https://declaracao1948.com.br/declaracao-universal/declaracao/?gclid=EAlaIqobChMIqvbmvSog4AIVAwIRCh3GyQbMEAYASAAEgJWjfd_BwE>. Acesso em: 10 jun 2019.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BOROCHOVICIUS, E. TORTELLA, J. C. B. **Aprendizagem Baseada em Problemas**: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 22, n. 83, p. 263-294, abr./jun. 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

KANT, Immanuel. Resposta a pergunta: Que é esclarecimento? **Textos Seletos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, Petrópolis, 2005, p. 63-71. Disponível em: http://ensinarfilosofia.com.br/___pdfs/e_livros/47.pdf

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.



ISSN: 2595-444X

MORIN, E.. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, Candido (org). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 69-78.

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, n.esp. 4, pp.79-97, 2014.